



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA

JARDES DOS SANTOS SOUSA

**O ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
uma experiência formativa na licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia**

IMPERATRIZ-MA

2023

JARDES DOS SANTOS SOUSA

**O ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
uma experiência formativa na licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, da Universidade Federal do Maranhão/ UFMA, campus Imperatriz-MA, como requisito para obtenção do título de licenciado (a) sob orientação do/a prof. Dr. Rogério de Carvalho Veras.

Aprovado em: ___/ ___/ 2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rogério de Carvalho Veras
(Orientador)

Prof. Dr. José Henrique Sousa Assai
(Examinador)

Prof. Dr. Agnaldo José da Silva
(Examinador)

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

DOS SANTOS SOUSA, JARDES

ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: uma
experiência formativa na licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia/ DOS
SANTOS SOUSA, JARDES. - 2023.

15 p.

Orientador(a): Rogério de Carvalho Veras.

Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade Federal do
Maranhão, Imperatriz, 2023.

1. Estágio Supervisionado. 2. Práxis docentes 3. Educação de Jovens e
Adultos. I. de Carvalho Veras, Rogério. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus, por ter me dado forças para chegar até aqui, reconheço que não foram dias fáceis, mas apesar de todas as dificuldades e obstáculos enfrentados consegui alcançar esse resultado.

Agradeço a minha família nas figuras de meus pais, Luís Cícero de Sousa e Maria Helena Santos Sousa, por compreenderem esse processo de estudos, me darem forças, respeitarem meu tempo e não me exigirem para além do que era capaz de ofertar.

Não obstante, agradeço aos meus colegas de turma de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, turma 2014.2, a qual aos poucos foi sendo reduzida e deixando os que ficaram mais próximos, gerando um espírito de cooperação, amizade e torcida mútua por cada conquista realizada. Especialmente aos meus colegas Ronan Lima e Suzana Rossi, pelas contribuições e incentivo para a conclusão desse trabalho.

Por fim, mas não menos importante, agradeço ao meu estimado professor e orientador Rogério Veras, pela dedicação, por acreditar em meu trabalho e não desistir de mim, mesmo quando eu mesmo já não acreditava. Sem dúvidas que esse processo de pesquisa me fez ter ainda mais admiração pelo profissional e ser humano que és. Essa pesquisa e trabalho não teriam sido a mesma sem as valiosas contribuições e incentivos que foram dadas por meio de orientação e as tentativas constantes para que pudessemos dar continuidade a esse trabalho.

RESUMO: Este artigo tem o objetivo refletir sobre as vivências de campo realizadas durante o estágio supervisionado realizado em 2019 na disciplina de Sociologia. O período de estágio foi realizado no CE de Educação de Jovens e Adultos II (CEJA), componente curricular obrigatório, vinculado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão. O trabalho assumiu um cunho qualitativo e consistiu em apontamentos teóricos através de uma revisão bibliográfica, partindo de autores que tratam das questões que englobam o ambiente escolar, em especial, o momento do estágio, assim como o relatório produzido durante o processo. O estágio mostrou-se um rico espaço de reflexões e descobertas, que só através da experimentação em campo, aliando teoria e prática, faz-se recurso indispensável para a formação do professor.

Palavras-chaves: Estágio Supervisionado, Práxis Docentes, Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT: This article aims to reflect on the field experiences carried out during the supervised internship carried out in 2019 in the disciplines of Philosophy and Sociology. The internship period was carried out at the Youth and Adult Education CE II (CEJA), a mandatory curricular component, linked to the Degree in Human Sciences/Sociology at the Federal University of Maranhão. The work assumed a qualitative nature and consisted of theoretical notes through a bibliographical review, based on authors who deal with issues that encompass the school environment, in particular, the moment of the internship, as well as the report produced during the process. The internship proved to be a rich space for reflections and discoveries, which only through experimentation in the field, combining theory and practice, becomes an indispensable resource for teacher training.

Keywords: Supervised Internship, Teaching Praxis, Youth and Adult Education

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. Descrição do espaço escolar.....	8
3. O Estágio no diálogo entre teoria e prática.....	9
4. O Ensino de Sociologia: a experiência no estágio	12
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	14
REFERÊNCIAS	15

O Estágio na Educação de Jovens e Adultos: uma experiência formativa na licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia

Jardes dos Santos Sousa

1. INTRODUÇÃO

Durante a graduação, em especial nos últimos períodos, me deparo com a necessidade/obrigatoriedade da realização do estágio, no entanto, o que pouco se fala é do que envolve de forma concreta esse momento. O estágio não se trata somente de ir a uma escola, mas passa por vários momentos: Observação-Regência-Relatório. Desse modo, por ser uma etapa obrigatória e devido a uma falta de conhecimento prévio acerca da realidade escolar, muitos graduandos se sentem despreparados e até mesmo assustados ao se depararem com a realidade da sala de aula. Selma Pimenta vai trazer sinteticamente que o estágio é uma síntese de tudo que se apreendeu nas disciplinas, nas teorias de aprendizagem, como também nas experiências de vida, portanto, ela está compreendendo teoria e prática como unidade indissociável, inclusive inerente das nossas experiências pessoais, enquanto sujeitos que participam coletivamente de uma sociedade.

Portanto, não se deve colocar o estágio como o ‘polo prático’ do curso, mas como uma aproximação à prática, na medida em que será conseqüentemente à teoria estudada no curso, que, por sua vez, deverá se constituir numa reflexão *sobre* e a *partir* da realidade da escola pública de 1ª a 4ª série. É preciso que se assuma que a atividade ocorrerá, efetivamente, no momento em que o aluno for professor, na prática. Ou seja, um curso não é *prática docente*, mas é teoria sobre a prática docente e será tão mais formador à medida que as disciplinas todas tiverem como ponto de partida a realidade escolar brasileira (Pimenta, 2005, p.14).

Assim, para além das teorias, a prática chega como forma de trazer o graduando para a realidade que muitas vezes, principalmente quando se trata de escolas públicas, pode ser considerada ainda mais desafiadora. Em especial, trataremos aqui do ensino de Sociologia na educação básica, que tem como objetivo propiciar espaços para que ocorram atividades voltadas para a investigação e compreensão científica da realidade social e cotidiana dos alunos em uma escola de modalidade voltada à Educação de Jovens e Adultos (EJA). A escolha dessa escola deu-se unicamente por conta da proximidade com a minha casa e eu tinha também uma curiosidade em saber como era uma escola que até então eu chamava de “supletivo”.

Trabalhar em qualquer escola requer além de conhecimento científico, muito tato e jogo de cintura para lidar com os imprevistos, porém, quando nos deparamos com uma escola de modalidade EJA, a realidade acaba sendo ainda mais árdua, pois não é uma escola que atende um grupo minimamente homogêneo de pessoas, pelo contrário, apresenta variedade de gênero, idade, pensamentos e comportamentos, numa mesma turma. As razões para que cada estudante

do EJA esteja ali e não numa escola convencional também são diversas, trata-se de pessoas muitas vezes mais velhas, que não tiveram a oportunidade de estudar antes, ou pessoas jovens que não são mais aceitas em outras escolas (mau comportamento, dificuldade com o aprendizado e etc.) ou então jovens e/ou adultos que desejam concluir o mais rápido possível o Ensino Médio, entre outras questões.

Considerando as diferenças encontradas em uma sala de aula do EJA, é que esse relato de experiência se torna necessário, pois objetiva trazer as reflexões de um graduando em meio ao processo de estágio para essa realidade, que por muitas vezes passa despercebida. O estágio supervisionado tem entre várias finalidades a de situar o futuro profissional da educação, não só ao professor, mas a todos aqueles que compõe a equipe escolar, dessas realidades e pretensões da escola que vão para além das nossas simples pré-noções.

O estágio faz parte das etapas obrigatórias de uma graduação e tratando-se de um curso de licenciatura o mesmo deve ser realizado em um ambiente escolar. Tendo isso em vista, criou-se a necessidade de uma preparação desse graduando para o contato com a sala de aula, com isso surge a pergunta: Como as instituições de nível superior podem estar preparando os/as graduandos/as para o momento de estágio? E mais: como a universidade pode colaborar para que a inserção no estágio, principalmente na educação de jovens e adultos, seja realizada de forma mais eficiente? É com base nesses questionamentos que nos propomos essas reflexões.

Para isso iniciei com uma abordagem de cunho qualitativo que consiste em uma revisão bibliográfica, partindo de autores que tratem das questões que englobam o ambiente escolar, em especial, o momento do estágio, assim como do documento produzido durante o processo de estágio, o relatório de estágio supervisionado, como forma de acessar memórias sobre esse momento e com isso possibilitar uma visão acerca do que foi vivenciado na escola CEJA II, durante o estágio. Tal relatório de estágio só foi possível desenvolver a partir das experiências advindas do Estágio Supervisionado Obrigatório do Ensino Médio, na área de Sociologia, do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão, campus de Imperatriz.

2. DESCRIÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR

A escola onde tive o estágio teve sua origem no ano de 1982, com a denominação de Centro de Estudos Supletivos (CES), ligada ao ensino modular, que visava atender alunos adultos de 1º e 2º graus. Quanto ao Ensino Médio, era oferecido no sistema “Telecurso”, utilizando como principal recurso o Kit TV/Vídeo. Além dessa modalidade, o “CES” oferecia o Projeto Minerva, indicado para estudantes de 5ª a 8ª séries. Nesse caso, os alunos precisavam

ter uma frequência regular e participação direta nas aulas. No ano de 2000, foi implantada a Banca Permanente de Avaliação com a Resolução CNE/CNB nº 01/2000, para os candidatos remanescentes do Exame de Suplência.

O “Centro de Ensino e Educação de Jovens e Adultos” ocupa uma área total de 2.413,34 m², sendo uma área construída de 734,75 m², situado na Rua Leôncio Pires Dourado, s/n Praça da Bíblia, Bacuri, Imperatriz /MA. Está distribuído entre dois pavilhões, com sete salas de aula, laboratório de informática, biblioteca, depósito, banheiros para alunos, sala para professores, banheiros para professores, secretaria, diretoria, pátio coberto onde acontecem os eventos da escola.

Como mencionado a escola dispunha de sete salas de aula no turno noturno. No geral, as salas são pouco conservadas, porém, havia sempre zeladores cuidando minimamente, contudo, as paredes eram sujas, precisando de uma reforma. Algumas salas conseguiam ser mais precárias, com piso deteriorado e com buracos, mas ainda possuíam o básico que é o quadro negro. Vale ressaltar que mesmo de forma precária, a escola mantinha a parte externa, corredores e salas de aula bem limpas.

Confesso que antes do estágio, existia uma certa insegurança da minha parte, de como se daria a atuação em sala de aula, no começo houve aquele estranhamento por parte dos alunos, de como eu seria recebido e como os alunos se comportariam durante as aulas. Contudo, foi extremamente positivo, dentro do normal. O que ajudou bastante também foi o fato de coincidentemente a professora/supervisora Léa, ser uma conhecida minha e a direção e corpo docente me receberem muito bem, deixando-me bem à vontade.

3. O ESTÁGIO NO DIÁLOGO ENTRE TEORIA E PRÁTICA

Como era de se esperar, o CE de Educação de Jovens e Adultos II não dispunha de condições ideais de trabalho pedagógico, assim procurei trabalhar os conteúdos de Sociologia, por meio do uso de material impresso.

Com esses recursos em mãos disponíveis, a solução mais óbvia foi a exploração máxima dessa ferramenta. As aulas eram sempre bem expositivas, procurando atrair a atenção e os sentidos mesmo que não houvesse uma participação desejada de boa parte dos alunos.

Para além dos conteúdos de que apresentava, eu levava outras informações de leituras adquiridas sob supervisão da professora Léa. E a partir dessas informações extras, os alunos se abriam mais ao diálogo em grupo. Tive total suporte da professora supervisora no que diz respeito a recurso didático para desenvolver as atividades. Infelizmente, como acontece com boa parte dos professora que ministram aulas de Sociologia, a maioria têm suas formações em

outras áreas, e não foi diferente com a professora Léa, pois ela me informou que graduou-se no curso de Pedagogia Cristã, contudo, ela sempre se mantinha em contato comigo para tirar dúvidas e sempre dava sugestões de temas ou material para ser trabalhado em sala. Haja vista a extensa experiência em sala de aula que ela acumulou durante mais de 20 anos.

É importante salientar algumas das observações de Florestan Fernandes no I Congresso Brasileiro de Sociologia, em 1954, ao apresentar uma comunicação intitulada “O Ensino de Sociologia na Escola Secundária Brasileira” (Fernandes, 1977). Ainda nesse recorte temporal, a Sociologia fazia parte do currículo apenas em escolas convencionais. Entre alguns questionamentos levantados por Florestan, podemos destacar: quais são as funções que o ensino de sociologia pode preencher na formação da personalidade e que razões de ordem geral aconselham a inclusão da matéria no currículo do ensino de grau médio? (Fernandes, 1977, p. 119).

O autor afirma que dentre as razões que justificariam a inclusão da Sociologia – questões de interesse profissional: fomentar a abertura de vagas na docência e a divulgação de conhecimentos sociológicos, favorecendo o desenvolvimento da Sociologia –, a principal delas é favorecer a mudança de determinadas atitudes como um espírito crítico, com base no conhecimento histórico e sociológico. E Florestan Fernandes defendia já na época, que o Ensino Médio é formativo por excelência; ele não deve visar a uma mera acumulação enciclopédica de conhecimentos, ou seja, um tipo de ensino restritamente aquisitivo, estático.

Além disso, temos a pesquisa e vivências no estágio como método de formação dos futuros professores, o que mobiliza investigações para uma ampliação e análise dos contextos onde os estágios se realizam, possibilitando o desenvolvimento de posturas e habilidades que permitem ao mesmo tempo compreender e problematizar as relações envolvidas no universo escolar e educacional.

Fonseca (1997, p.194) relata em seu livro sobre história oral de vida a realidade do ensino brasileiro pós-1964:

A massificação do ensino pós-1964 representou um aumento quantitativo do número de alunos em nossas escolas, sobretudo daqueles provenientes das classes pobres, acompanhado de um decréscimo de investimentos públicos na área da educação. Isso exigia a necessidade de mudanças no ensino, no papel desempenhado pelo professor, na gestão da escola e nas práticas de avaliação; pois trata-se, fundamentalmente, da transformação de uma escola homogênea, elitizada em uma escola heterogênea. Entretanto, esse processo ocorreu no Brasil, sem que os professores fossem preparados para lidar com a nova realidade, sem que as escolas fossem equipadas para receber esse fluxo de alunos. O resultado disso é bastante conhecido: professores insatisfeitos e deterioração da escola pública brasileira. Para ilustrar esse despreparo do professor em face da nova escola, dona Célia afirma: “Durante uns meses, eu quis ser, no noturno, a professora que eu era no diurno, até que entendi que eram duas realidades diferentes”.

A autora enfatiza o descaso com a educação na construção de uma idealização de “educação para todos”, que antes não era disponibilizada para as classes subalternas, mas fazia parte dos privilégios da classe dominante. Essa “democratização da escola” feita de forma superficial desencadeou uma série de problemáticas para as escolas públicas, que são evidentes até nos dias de hoje, e ainda mais graves para alunos do noturno.

Na formação de professores o estágio é componente curricular indispensável, que possibilita ao aluno estagiário vivenciar a realidade em que atuará profissionalmente, para que ele perceba e reflita a complexidade do espaço escolar e todas as relações envolvidas, para ter um quadro mais abrangente do processo educacional, refletindo também o papel do profissional da educação frente às exigências atuais.

Para tanto deve estar pautado numa investigação crítica, isso exige reflexão a respeito da problemática relação entre teoria e prática, em que estas não podem ser vistas de forma separada ou até opostas. Nessa perspectiva, segundo Barreiro e Gebran (2006), o estágio coloca-se como teórico-prático e não apenas como teórico ou apenas como prático, devendo possibilitar aos estagiários melhor compreensão a respeito das práticas institucionais e das ações desenvolvidas pelos profissionais no universo escolar. Tendo entre várias finalidades a de situar o futuro profissional da educação, não só ao professor, mas a todos aqueles que compõe a equipe escolar, dessas realidades e pretensões da escola.

No decorrer de toda essa jornada acadêmica, através de algumas disciplinas pedagógicas analisadas em retrospectiva, sempre debatíamos em sala de aula da faculdade os desafios da carreira, mas nada pôde se comparar a experiência prática. Mesmo sendo apenas um estágio de observação, participação e regência, é impressionante observar como é diverso o universo de uma classe, existem múltiplos pensares, comportamentos, temperamentos e etc.

Analisando os PCN’s (Parâmetros Curriculares Nacionais) vi que existe uma lacuna entre o que é orientado e o que é posto em prática em sala de aula. O estágio como atividade integradora é importante porque somente no estágio compreende-se todo o processo escolar, relacionando com tudo que foi aprendido ao longo de toda trajetória acadêmica, na tentativa de colocar em prática todas as teorias curriculares.

Dentro desse período de tempo que fiquei em sala de aula observando a professora e os alunos, não foi possível deixar de perceber sobre o constante embate que o educador passa dia a dia, entre fazer aquilo que está proposto, seja nos livros, manuais, PCN’s, nos discursos, etc. e aquilo que realmente se pode/consegue aplicar, tendo em vista todas as experiências citadas que um professor tem de superar cotidianamente.

Como foi dito, só a dura realidade da prática em sala de aula pode nos dar uma ideia real dos desafios de lecionar. Recordamos da professora Léa tentando passar o conteúdo, de forma simples, apenas com uma cópia do texto na mão, onde pelo menos 70% da sala não tinha material, a escola não dispunha de um laptop em sala e muito menos um projetor para se tentar dar uma aula minimamente participativa. As limitações encontradas cerceavam muito o desempenho da professora ao tentar lecionar, porém, disposição nunca lhe faltava.

Infelizmente não é só a estrutura física e a falta de livros didáticos que precarizam o ambiente escolar¹, os fatores internos da escola também contribuem para essa situação. Políticas educacionais vigentes ainda mantêm no seu interior atitudes e valores característicos de uma educação “ideal”, voltada para um modelo de ensino extremamente positivista, mas a realidade das escolas públicas brasileiras não é essa e sim de alunos de classes subalternas com realidades familiares e econômicas divergentes.

Os alunos que não permanecem na escola são aqueles que precisam trabalhar para ajudar no sustento da família; por isso vêm para escola cansados, com fome, com sono, não dispoem das condições mínimas para o início das aprendizagens escolares. Apresentam índices baixos de frequência, não possuem material escolar, não contam com o apoio e assistência em casa para cumprir os deveres escolares, porque os pais trabalham ou porque a família é desestruturada. (PIMENTA, 1991 p.120).

Segundo Fonseca (1997) os processos de formação dos professores não podem ser construídos somente por formação acadêmica, pois é preciso se ter um investimento pessoal, livre e criativo sobre os percursos e os próprios projetos, com o intuito da construção de uma identidade pessoal, que é também uma identidade profissional. Ou seja, a formação se constrói através de um trabalho de flexibilidade crítica sobre as práticas e de reconstrução permanente de uma identidade pessoal.

Por esse motivo a compreensão que se tem, após a participação como estagiário no CE de Educação de Jovens e Adultos II, é de que o estágio não é somente momento de aplicação de conteúdos na prática, mas também um período de experimentação da realidade escolar e de reflexão e análises sobre essas experiências que, associadas às teorias, vão proporcionar uma formação de um profissional da educação para uma práxis profissional e não para a reprodução de modelos escolares.

4. O ENSINO DE SOCIOLOGIA: A EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO

A Constituição Federal do Brasil incorporou como princípio que toda e qualquer

¹ Com isso, entendemos que há potencialidades no uso dos diferentes recursos didáticos, ou seja, desde que haja a recusa em estabelecer uma relação de um ensino enciclopédico, o que depende fundamentalmente do olhar atento do professor/estagiário, de sua identidade engajada num projeto de formação de Sujeitos.

educação visa ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (CF.Art. 205). Retomado pelo Art. 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDB-9.394/96, este princípio abriga o conjunto das pessoas e dos educandos como um universo de referência sem limitações.

Vivemos numa era marcada pela competição e pela excelência, onde progressos científicos e avanços tecnológicos definem exigências novas para os jovens que ingressarão no mercado de trabalho, condicionando assim políticas educacionais e os rumos que ela tomará à médio e longo prazo.

Em especial, tratarei aqui do ensino de sociologia na educação básica, que tem como objetivo propiciar espaços para que ocorram atividades voltadas para a investigação e compreensão científica da realidade social e cotidiana dos alunos. O presente trabalho observou o comportamento da professora em sala de aula para uma investigação mais detalhada. O objetivo foi contribuir para a reflexão sobre a qualidade do ensino de sociologia numa instituição de ensino público da cidade de Imperatriz-MA. Ao observar quais são os principais temas e métodos didáticos utilizados pela professora, pudemos verificar se as estratégias adotadas, para o emprego da Sociologia no Ensino Médio, estão propiciando que os estudantes desenvolvam uma percepção sociológica da sua realidade.

Nesse sentido, no estágio se analisa nuances da identidade profissional docente, bem como saberes que precisam ser acionados nessa profissão. Segundo Farias [et al.] (2008), a docência é um trabalho que requer saberes especializados e estruturados por múltiplas relações, onde o processo de humanização é continuamente forjado, pois a educação deve constituir-se sempre como uma possibilidade de humanização e o professor é um profissional que está sempre se fazendo e cuja identidade docente vincula-se à processos de socialização que experimenta e aos saberes e competências que permeiam seu trabalho.

Os depoimentos da professora com quem pude estagiar, na disciplina de Sociologia da escola, giravam em torno também da imposição da profissão, ou seja, as “circunstâncias” – como disponibilidade de vagas, carência de profissional na área ou simplesmente a necessidade de complementação da carga horária –, levam muito(a)s dele(a)s a lecionar Sociologia, sem a formação específica, caso da professora Léa. Poderia se evidenciar muitos outros problemas em relação a realidade escolar, como falta de materiais e recursos didáticos, precária estrutura física das escolas, falta de formação adequada dos professores e etc. Porém, o que está mais claro nas escolas não é a ausência de tudo que foi listado anteriormente, mas sim a falta de entendimento sobre a educação, ou seja, o que é, e o que tem sido e o que deveria ser o papel da educação escolar em uma dada sociedade (PIMENTA, 2005).

E quando fazemos o recorte das escolas de modalidade “EJA”, todas essas problemáticas são ainda mais potencializadas, seja pelo tipo de estrutura escolar precária, seja pelo nível de formação do corpo docente disposto a lecionar as disciplinas de Sociologia, seja pelos vários aspectos sociais dos alunos citados.

As salas de aula eram compostas por números de alunos que variavam de sete a trinta, dependendo do dia da semana, ou mais alunos. Havia bastante entre e sai de alunos, muitos por vários motivos acabavam se atrasando e entravam na sala só depois do segundo horário. Como mencionado antes, as turmas apresentavam bastante diversidade, com faixa etária bem ampla, de variação de idade de 18 à 72 anos. Não era incomum encontrar pais e filhos frequentando a mesma sala de aula. Era perceptível também o interesse maior dos alunos de mais idade em aprender e assimilar o máximo possível dos conteúdos ou simplesmente participar ativamente na aula.

A introdução da Sociologia no Ensino Médio mostra-se contemporânea da discussão sobre a própria reorganização desse nível de ensino, e continuamente alvo de inserções e retiradas do currículo, criando um cenário de insegurança em relação aos processos acadêmico-formativos e profissionais. Assim sendo, disputar o sentido das reformas curriculares em curso, como o chamado “Novo Ensino Médio” e a BNCC, pode representar uma oportunidade de tornar visível a contribuição formativa da Sociologia, problematizando o seu lugar na escola pública.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com isso pude concluir que a experiência de estágio foi satisfatória, mesmo com alguns tropeços e limitações, tentei usar todo conhecimento adquirido para vivenciar essa etapa por inteiro. Busquei parcerias com colegas e professores que me apontaram bons caminhos de trabalhos em grupo, e com isso pude aprender também com a experiência de escutar e trocar informações com os colegas de profissão.

A compreensão que tive, após a participação como estagiário no CE de Educação de Jovens e Adultos II, é de que o estágio não é meramente uma ocasião para aplicação de conteúdos na prática, mais do que isso, é um período de experimentação da realidade escolar e de reflexão e análises sobre essas experiências que, associadas às teorias, vão proporcionar uma formação de um profissional da educação para uma práxis profissional e não para apenas uma reprodução de modelos escolares.

Afinal de contas, a metodologia não pode ser pensada separada da identidade do professor. Enquanto a principal preocupação da classe política, dos governos, for

primordialmente com a quantidade, ou seja, o número de formados ou pelo menos daqueles que frequentam as salas de aula, logo se pode notar um decréscimo na “qualidade do ensino”.

Tenho muitas dúvidas quanto a qualidade da formação de um aluno dessa modalidade-EJA; o Ensino Médio sendo concluído em apenas dois anos, numa turma onde a grande maioria mostra desinteresse em aprender, quando não se ocupam em atrapalhar o bom andamento da aula. Muitas vezes é mais fácil o/a professor(a) “ligar o modo automático”, finge que está dando aula, e os alunos, em grande parte, nem fingem que estão aprendendo.

Mas o fato é que esse contato com a realidade não é realizado processualmente nos cursos de licenciatura, os graduandos só vão ser inseridos na realidade escolar do estágio praticamente no final da graduação. Pois a maioria desses cursos idealizam as disciplinas como momento preparatório e a etapa de estágio como momento de aplicação do que se aprende nas disciplinas, ou seja, esses cursos estão sendo reprodutores da técnica de aplicação de modelos nas escolas.

E as consequências desse despreparo dos graduandos em relação ao contato com as realidades escolares, resulta em frustrações nos estagiários, em meio as várias problemáticas que existem no ambiente escolar. Elas iniciam logo no momento de acolhimento das coordenações das escolas, pois nem todas elas têm o hábito de trabalhar com estágios, em alguns casos o estagiário chega na escola e diz que quer realizar o estágio, mas a escola e a coordenação não sabem como realizar esse procedimento, ou a coordenação realiza o procedimento e o professor não aceita participar do processo de estágio, são inúmeras as problemáticas só nesse processo de escolha da escola.

Por fim, para melhor aperfeiçoar o estágio da Licenciatura em Ciências Humanas/ Sociologia, campus Imperatriz-MA, posso começar dizendo que algumas mudanças organizacionais poderiam ser feitas para que o estágio obrigatório seja encarado com maior comprometimento, tendo datas específicas para início e término de cada etapa, como também uma proximidade maior dos acadêmicos com os respectivos professores supervisores e principalmente do professor responsável pelo estágio. Entendo que seria mais enriquecedora a troca de experiências entre os graduandos e o respectivos coordenadores de estágio, ainda em sala de aula.

REFERÊNCIAS

BARREIRO, Iraíde marques de Freitas; GEBRAN, Raimunda abou. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. São Paulo: Avercamp, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: ciências humanas e suas tecnologias**. v. 3. Brasília: Secretaria da Educação Básica, 2006.

CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 133 p. (Orientações curriculares para o ensino médio ; volume 3) 1. Conteúdos curriculares. 2. Ensino médio. 3. Filosofia. 4. Geografia. 5. História. 6. Sociologia. I. Brasil. Secretaria de Educação básica.

FARIAS, Isabel Maria Sabino et al. **Identidade e fazer docente: aprendendo a ser e estar na profissão**. In. Didática e docência: aprendendo a profissão. Fortaleza: Líber livro, 2008.

FERNANDES, Florestan. **A Sociologia no Brasil**. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

FONSECA, S. **Ser professor no Brasil: história oral de vida**. Campinas, SP: Papirus, 1997.

PIMENTA, S. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 6 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **O pedagogo na escola pública**. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1991.

Princípios da Educação de Jovens e Adultos. Legislação Vigente EJA. Ministério da Educação – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Diretoria de Políticas de Educação de Jovens e Adultos.